

# A missão cultural dos portugueses e a visita do patriarca Dom Manuel Gonçalves Cerejeira ao Brasil em 1934

CARLOS ANDRÉ SILVA DE MOURA

Departamento de História da Universidade de Pernambuco (UPE)  
Departamento de História da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)  
casmcarlos@yahoo.com.br

**Resumo:** A partir das contribuições da História Cultural das Religiões, neste artigo analisamos como parte dos exilados portugueses no Brasil da primeira metade do século XX, sobretudo, os trabalhadores, os intelectuais e os religiosos desenvolveram uma missão cultural que contribuiu com os diálogos políticos e sociais entre membros dos dois países. Como destaque para a narrativa deste artigo, apresentamos as discussões em torno da visita do Patriarca de Lisboa Dom Manuel Gonçalves Cerejeira ao Brasil em 1934 e a rede de colaboração construída com políticos, intelectuais e religiosos na cidade do Rio de Janeiro, com o objetivo de estruturar os projetos internacionais de restauração do poder da Igreja Católica nas nações que aprovaram o processo de secularização das suas instituições políticas e civis.

**Palavras-chave:** Missão Cultural, Portugueses no Brasil, Dom Manuel Cerejeira, Restauração Católica, História das Religiões.

## The cultural mission of the Portuguese and the visit of the patriarch Dom Manuel Gonçalves Cerejeira to Brazil in 1934

**Abstract:** From the contributions of the Cultural History of Religions, in this article we analyze how part of the Portuguese exiles in Brazil in the first half of the twentieth century, mainly, workers, intellectuals and religious developed a cultural mission that contributed to the political and social dialogue between citizens of the two countries. As a highlight to the narrative of this article, we present the discussions about the visit of the Patriarch of Lisbon, Dom Manuel Gonçalves Cerejeira, to Brazil in 1934 and the collaboration network built with politicians, intellectuals and religious in the city of Rio de Janeiro, with the aim to structure international projects of restoration power of the Catholic Church in the nations that approved the process of secularization of their political and civil institutions.

**Keywords:** Cultural Mission, Portuguese in Brazil, Dom Manuel Cerejeira, Catholic Restoration, History of Religions.

## Introdução

Nos últimos anos, as relações internacionais entre o Brasil e Portugal tornaram-se objeto de estudo de profissionais das diversas áreas das ciências humanas. As trocas culturais entre os intelectuais dos dois países contribuíram para o desenvolvimento de pesquisas voltadas para as questões econômicas, políticas, jurídicas e religiosas<sup>1</sup>. As pesquisas sobre a temática contribuíram para que visualizássemos uma missão cultural desenvolvida pelos portugueses em terras brasileiras, sobretudo, no período republicano dos dois países.

Entre os imigrantes que desembarcaram no Brasil, os de nacionalidade portuguesa foram os que mais se destacaram. Nos últimos anos do século XIX e nas primeiras décadas do século XX, o número de lusitanos que se destinaram às diversas cidades superou os índices de todos os outros expatriados<sup>2</sup>. Entre 1901 e 1930 foram contabilizadas 754.147 chegadas, já entre 1931 e 1950 são calculados 148.699 desembarques legais no país<sup>3</sup>.

Este processo de emigração não pode ser compreendido apenas por questões sociais, econômicas, religiosas ou políticas, mas a partir de uma conjunção de fatores que levou à necessidade da saída de um número considerável de indivíduos para outras localidades<sup>4</sup>. Tais questões devem ser analisadas como o resultado de um processo histórico que contribuiu para as mudanças aqui pensadas.

Entre os principais grupos que desembarcaram no Brasil, neste artigo nos detemos as ações desenvolvidas pelos trabalhadores, os intelectuais e os religiosos lusitanos. Durante o texto, inicialmente oferecemos atenção à organização social, econômica e cultural destes três grupos e em um segundo momento analisamos como as ações dos eclesiásticos exilados contribuíram para o desenvolvimento dos debates entre Dom Gonçalves Cerejeira (1888-1977) e os representantes do clero brasileiro durante a sua visita ao Rio de Janeiro em 1934.

A partir das propostas da História Cultural, sobretudo, as abordagens da História Cultural das Religiões, compreendemos as negociações dos intelectuais católicos com os grupos políticos, as ações culturais dos religiosos e a inserção em novos espaços de atuação. Com a proposta teórica e metodológica foi possível visualizar

1 José Jobson de Andrade Arruda; José Tengarrinha – *Historiografia luso-brasileira contemporânea*. Bauru: EDUSC, 1999.

2 José Murilo de Carvalho – *Os Bestializados. O Rio de Janeiro e a República que não foi*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 16.

3 Odair da Cruz Paiva – *História da (I)migração: imigrantes e migrantes em São Paulo entre o final do século XIX e o início do século XXI*. São Paulo: Arquivo Público do Estado, 2013.

4 Maria da Conceição Meireles Pereira – Representações da emigração para o Brasil na imprensa do nordeste transmontano durante a 1ª República. In *Portugueses no Brasil: migrantes em dois atos*. Org. de Ismênia de Lima Martins; Fernando Sousa. Niterói: Muiraquitã, 2006, p. 274.

parte das “histórias cruzadas” entre lusitanos e brasileiros no início do século XX, com a organização de ações fundamentais para o projeto de recatolização.

## A missão cultural dos portugueses no Brasil

A língua em comum, os laços históricos, as “facilidades” apresentadas pelos “contratantes” da mão de obra europeia, as redes de comunicação com outros lusitanos que já tinham se aventurado no sonho do enriquecimento e o incentivo do governo foram alguns motivos que contribuíram para a emigração dos portugueses ao Brasil<sup>5</sup>. Entre os trabalhadores, os imigrantes eram em sua maioria homens sem escolaridade ou formação profissional e que deixaram a família nas províncias lusitanas. O fato colaborou para que as mulheres assumissem não apenas as funções domésticas, bem como se dedicassem ao trabalho agrícola e/ou comércio, à manutenção da propriedade e à subsistência dos seus dependentes<sup>6</sup>.

O idioma não foi importante apenas para facilitar a adaptação dos lusitanos no Brasil. A língua contribuiu para diminuir as dificuldades enfrentadas em um exílio, principalmente quando a observamos como propriedade privada de uma nação, sobretudo, no momento de formação de um discurso voltado para a cultura lusófona ou o estabelecimento de uma “comunidade imaginada” de um grupo no Brasil<sup>7</sup>.

Outro fator determinante que cooperou positivamente para a adaptação dos imigrantes portugueses foram as redes de colaboração. Os que já estavam inseridos na sociedade brasileira contribuíam para a chegada dos seus compatriotas, com auxílio nas primeiras acomodações e a busca por oportunidades de emprego. Este tipo de cooperação foi determinante para a resistência dos trabalhadores que se instalavam em um lugar desconhecido, com costumes e práticas sociais diferentes<sup>8</sup>.

Já estabelecidos em diversas cidades, os trabalhadores se submetiam às mais variadas funções. Em São Paulo, eram os principais responsáveis pelos serviços de limpeza pública e de cobrança nos bondes, executavam, da mesma maneira, as atividades como pedreiros, jardineiros, padeiros, açougueiros, sapateiros, donos de pequenos comércios, dentre outros afazeres<sup>9</sup>.

5 Benalva da Silva Vitorio – Imigrantes Brasileiros em Portugal: retrospectiva de percurso. In *Imigração e Imigrantes: uma coletânea interdisciplinar*. Org. de André Gattaz; Vanessa Paola Rojas Fernandez. Salvador: Pontocom, 2015, p. 209.

6 Maria Aparecida Macedo Pascal – Imigração Portuguesa em São Paulo: memórias, gênero e identidade. In *Deslocamentos & Histórias: os portugueses*. Org. de Maria Izilda Matos; Fernando de Sousa; Alexandre Hecker. Bauru: EDUSC, 2008, p. 285.

7 Benedict Anderson – *Comunidades Imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p. 108, 128.

8 José Mattoso (dir.); Rui Ramos (coord.) – *História de Portugal: a segunda fundação (1890-1926)*. Vol. 06. Lisboa: Editorial Estampa, 2001, p. 86.

9 Yvone Dias Avelino – Vila Madalena e a Imigração Portuguesa: cultura, trabalho, religião e cotidiano. In *Deslocamentos & Histórias: os portugueses*. Org. de Maria Izilda Matos; Fernando de Sousa; Alexandre Hecker. Bauru: EDUSC, 2008, p. 298.

No Rio de Janeiro, os imigrantes desempenharam um papel econômico fundamental na virada do século XIX para o XX. Os portugueses formavam um dos principais grupos de trabalhadores da capital federal, com o controle do comércio de tecidos e de pequenos artigos a partir de 1890, que até então era dominado pelos ingleses.

Os imigrantes ibéricos atuavam em variados ramos comerciais e de serviços. Eram alfaiates, lavadeiras, tintureiros, vendedores de gêneros alimentícios, negociantes de roupas e tecidos, donos de hotéis e de pensões, entre outras atividades. Os serviços de transportes tiveram especial participação dos portugueses, que controlavam mais de 80% das licenças de carroças de fretes da cidade no final do século XIX<sup>10</sup>.

É importante destacarmos os diversos segmentos de produção em que os imigrantes estavam inseridos. Os portugueses se fizeram presentes no ambiente de trabalho com a sua prestação de serviços, com empreendimentos produtivos e mercantis, na agricultura, nas atividades urbanas e na nascente indústria brasileira. Segundo José Sacchetta Ramos, a inserção nos diversos setores de produção facilitou a incorporação dos lusitanos à pátria que os recebera, com o abandono de parte do estereótipo de estrangeiros que lhe foi atribuído<sup>11</sup>.

Em artigo publicado na revista *Atlantida*, o jornalista Alberto D'Oliveira apresentou a visão de alguns intelectuais portugueses sobre o processo de emigração para o Brasil. O colaborador do periódico destacou que:

“Digamos com humildade que os nossos emigrantes cumprem o nosso destino nacional, sem dar por isso, melhor que nós, por muito mal e imperfeitamente que o cumpram, apenas guiados pelo seu instinto. O Brasil é uma nação em formação, cujo principal problema é o povoamento, e basta dizer isto para fazer compreender quanto o nosso gênio colonizador e o nosso bafo maternal lhe são precisos. [...] De direito é ainda que não ofereçamos ao Brasil essa preciosa matéria-prima humana, senão na proporção em que possamos, embora com sacrifício, dispensal-a. Mas não percamos de vista que estamos criando o nosso filho com o nosso sangue, como nos cumpre, e que se deixássemos esse encargo a outros assignariamos a nossa renúncia de nação-mãe e destruiríamos, num gesto de suicídio, a página mais duradoiramente bella da nossa historia. [...] Fui encontrar, como esperava, os portuguezes empenhados em construir o Brazil e dando-lhe por toda a parte feições nossa. Vi-os aceitando todas as profissões, ainda as mais humildes, com uma doçura e fidelidade enternecedoras.

10 Sidney Chalhoub – *Trabalho, Lar e Botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque*. Campinas: UNICAMP, 2001, p. 60, 77.

11 José Sacchetta Ramos Mendes – O apogeu da imigração portuguesa para a América do Sul (1904-1914): diversidade socioeconômica e dilemas comparativos com Itália e Espanha. In *Culturas Cruzadas em Português: redes de poder e relações culturais (Portugal-Brasil, Séc. XIX-XX). Influências, ideários, periodismo e ocorrências*. Vol. I. Coord. de Cristina Montalvão Sarmiento; Lúcia Maria Paschoal Guimarães. Coimbra: Almedina, 2010, p. 146-147.

Não resisto a lembrar, como uma sensação que sempre me commovia, que todos os jardineiros do Rio e de Petropolis são portugueses.”<sup>12</sup>

A concepção de que os imigrantes desenvolviam uma função “colonizadora” no Brasil e que contribuíam para a formação da nação, era compartilhada principalmente pelos intelectuais. O principal objetivo dos trabalhadores era de se fixarem em terras brasileiras com a promessa de acumularem riquezas. Mesmo ocupando grande parte dos postos de trabalhos destinados aos imigrantes nas principais cidades, os lusitanos se submetiam a baixos salários, funções arriscadas e moradias precárias. Os gastos com a viagem, a necessidade de sobreviver em um lugar desconhecido e a esperança do retorno à família faziam com que aceitassem tais condições<sup>13</sup>.

Após a instauração da República Portuguesa, homens das letras e políticos organizaram ações que tinham por desígnio suscitar na memória coletiva a tradição colonizadora do país. Afirmar que o Brasil estava sendo construído pelas mãos dos portugueses era demonstrar a sua contribuição em uma das suas principais ex-colônias. No início do século XX, o Brasil se tornou um dos exemplos para a reconstituição social em Portugal.

O discurso apresentado no documento anterior também tinha o objetivo de demonstrar a existência de uma comunidade lusófona, com identidade cultural, linguística e histórica, representada, neste caso, pela capacidade de trabalho dos portugueses. Os imigrantes eram demonstrados como responsáveis por evitar a “desnacionalização” da cultura no Brasil, que estava sendo ameaçada pela entrada de povos com tradições, costumes e religiões diferentes.

O sociólogo Gilberto Freyre (1900-1987) foi um dos principais representantes e construtores da ideia do legado colonial português no Brasil. Integrante da chamada geração de 1930, ou dos “interpretes do Brasil”<sup>14</sup>, a sua obra *Casa Grande e Senzala* tinha o objetivo de apresentar um modelo formativo para a nacionalidade brasileira, com conexões com a história e a cultura lusitana<sup>15</sup>. O trabalho ganhou validade nos dois lados do atlântico, por demonstrar uma imagem positiva da nação e da herança colonial, ponto fundamental para a afirmação política portuguesa na primeira metade do século XX<sup>16</sup>.

12 Alberto D’Oliveira – Os Portuguezes no Brazil. *Atlantida*. Lisboa, p. 199, 202, ano I, nº 3, 15 jan. 1916.

13 Nas primeiras décadas do século XX, calculava-se que o salário de um artesão brasileiro especializado era quatro vezes maior se comparado ao melhor nível do salário em Portugal. Herbert S. Klein – A integração social e económica dos imigrantes portugueses no Brasil nos finais do século XIX e no século XX. *Análise Social*. 121 (1993) (2º), p. 263-264.

14 Fernando Henrique Cardoso – *Pensadores que Inventaram o Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

15 Gilberto Freyre – *Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime de economia patriarcal*. São Paulo: Global, 2004.

16 Lucia Maria Paschoal Guimarães; Thais Pimentel Cabral – Da teoria ao discurso da memória vivida: breves reflexões sobre o lusotropicalismo. In *Culturas Cruzadas em Português...*, vol. II, 2012, p. 184-185.

Mesmo com as críticas dos governos do Estado Novo, tanto no Brasil quanto em Portugal, a obra de Gilberto Freyre foi fundamental para legitimar a política colonizadora portuguesa na África, sobretudo, durante a década de 1950. O projeto que tinha como base o lusotropicalismo serviu de instrumentalização política para as ideias de Oliveira Salazar (1889-1970), com respaldo científico ao seu pensamento colonial. Com as propostas, legitimou-se o discurso da natural inclinação portuguesa para o contato harmônico com outros povos, utilizada como justificativa para a manutenção das colônias na região do Ultramar<sup>17</sup>.

Rafael Souza Campos classificou o lusotropicalismo como o estudo da colonização portuguesa na América, na África e na Ásia, com a busca de traços comuns na experiência colonizadora na região dos trópicos. Para o autor, o conceito reuniu aspectos do que poderia ser uma “civilização luso-tropical” caracterizada pela miscigenação, pela experiência cristocêntrica, pelo manejo ecologicamente correto da terra pelo colonizador, pelo papel importante desempenhado pela mulher e o caráter missionário e civilizador da sua obra<sup>18</sup>.

A produção de Gilberto Freyre colaborou para a elaboração de uma releitura da colonização para os governantes e a população portuguesa. No início do Estado Novo, este processo era visto como referência à superioridade da raça lusitana sobre os outros povos. Com a obra do sociólogo, os governantes trabalharam as suas ações como um projeto missionário e uma atividade colonizadora para a região dos trópicos<sup>19</sup>.

Para Lucia Maria Paschoal Guimarães e Thais Pimentel, as teses do lusotropicalismo foram fundamentais para a reafirmação dos laços políticos e culturais entre o Brasil e Portugal nas primeiras décadas do século XX. Representantes de ambos os países passaram a elaborar um discurso de pertencimento social e de uma cultura partilhada, com a formação de um espaço supranacional, classificado por Gilberto Freyre como uma *Comunidade Luso-Afro-Brasileira*<sup>20</sup>.

Neste sentido, o Brasil serviu como principal exemplo da obra colonizadora e civilizadora dos portugueses, principalmente durante o período do Estado Novo salazarista, que trabalhava para a construção de uma unidade territorial e espiritual da metrópole com as suas colônias. O discurso tomava como base a capacidade da formação de uma sociedade multirracial, construída com o “amor” entre o colonizador e o colonizado, sem obstáculos econômicos e de cor da pele. Estas afirmativas

17 Lucia Maria Paschoal Guimarães; Thais Pimentel Cabral – Da teoria ao discurso..., p. 196.

18 Rafael Souza Campos de Moraes Leme – *Absurdos e Milagres: um estudo sobre a política externa do lusotropicalismo (1930-1960)*. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2011, p. 36-37.

19 Rafael Souza Campos de Moraes Leme – *Absurdos e Milagres...*, p. 16, 42.

20 Lucia Maria Paschoal Guimarães; Thais Pimentel Cabral – Da teoria ao discurso da memória viva: breves reflexões sobre o lusotropicalismo. In *Culturas Cruzadas em Português...*, vol. II, p. 201.

foram expostas nos diversos momentos das comemorações lusitanas, que tinham como foco a reafirmação da nacionalidade portuguesa.

Em saudação à comunidade lusitana no Brasil, Oliveira Salazar destacou a aproximação entre os portugueses e os brasileiros. Para o Presidente do Conselho de Ministros, os lusitanos “[...] vivem como se não foram estrangeiros, mas naturais e amigos, centos de milhares de portugueses que ao Brasil dão o melhor do seu esforço e os melhores anos da sua vida”. Ainda em sua mensagem, o representante político destacou o imperativo de que a comunidade de imigrantes “[...] continue a afirmar-se no Brasil como a que melhor compreende e que mais entranhadamente ama o progresso da grande nação, como a que mais trabalha [...]”<sup>21</sup>.

Aqueles que também enxergavam problemas na formação de redutos migratórios de alemães, japoneses e italianos observaram a entrada dos portugueses no Brasil como uma salvação para a questão. Como a colonização que mais se expandiu pelo país, os lusitanos eram idealizados como um elemento da organização social pensada pela elite, como um processo de imigração branca, latina e católica<sup>22</sup>.

O perfil do imigrante trabalhador, que tinha dificuldades em se fixar nas cidades, foi fundamental para a criação dos espaços de assistência e socorro entre os portugueses. As instituições, em sua maioria, foram criadas e mantidas por indivíduos especializados e abastados, que chegaram ao Brasil no final do século XIX e conseguiram acumular riquezas em cargos de importantes empresas.

O sucesso nos empreendimentos criou um espírito de chefia que foi destinado à organização de entidades e espaços de sociabilidade para os portugueses. Para os trabalhadores eram oferecidas as associações de socorro mútuo e os hospitais, a elite econômica e os intelectuais eram contemplados com as sociedades literárias, os clubes, os jornais, as bibliotecas, os liceus e os retiros para leitura<sup>23</sup>.

O associativismo português garantia a permanência das tradições que os imigrantes vivenciavam em Portugal. Com os espaços de sociabilidade, era possível festejar datas comemorativas, celebrar os feriados religiosos e organizar momentos que contribuíram para as trocas culturais com os brasileiros<sup>24</sup>. No Estado de São Paulo, estas instituições ganharam força com o apoio consular, principalmente na região cafeeira do interior.

21 Oliveira Salazar – *Discursos (1928-1934)*. Coimbra: Coimbra Editora, 1935, p. 253-254.

22 José Sacchetta Ramos Mendes – *Laços de Sangue: privilégios e Intolerância à Imigração Portuguesa no Brasil (1822-1945)*. São Paulo: EDUSP / FAPESP, 2011, p. 306.

23 Herbert S. Klein – A integração social e econômica dos imigrantes portugueses no Brasil nos finais do século XIX e no século XX. *Análise Social*. 121 (1993) (2º), p. 255.

24 José Mattoso (dir.); Rui Ramos (coord.). *História de Portugal: a segunda fundação (1890-1926)*. Vol. 06. Lisboa: Editorial Estampa, 2001, p. 512; Maria Christina Siqueira de Souza Campos – Comunidade Portuguesa de São Paulo: instituições e associações regionais. In *Imigração e Imigrantes: uma coletânea interdisciplinar*. Org. de André Gattaz; Vanessa Paola Rojas Fernandez. Salvador: Pontocom, 2015, p. 265-297.



Em 1916, São Paulo contava com 18 consulados, vice-consulados e agências consulares de Portugal. As que estavam situadas na região da produção do café se destinavam ao apoio aos trabalhadores lusitanos. Destacamos que em nenhuma outra região do mundo houve uma concentração de representações internacionais como nesta localidade, o que facilitou a difusão da imigração lusitana fora das grandes capitais<sup>25</sup>.

O ambiente de trabalho foi compreendido de uma forma especial pelos imigrantes. O lugar era um espaço onde se poderia receber ajuda para superar o medo e a insegurança do novo, também contribuía para a elaboração de estratégias para a sobrevivência e a formação de laços de amizade e de familiaridade. Segundo Maria Izilda Santos de Matos, junto à religião e à família, o trabalho se tornou o principal meio de solidariedade entre o grupo dos portugueses<sup>26</sup>.

A recepção dos intelectuais portugueses se deu de forma diferente se comparada aos trabalhadores. Os homens das letras que saíram de Portugal e escolheram o Brasil como destino, tiveram como principal motivo as perseguições políticas, especialmente nos momentos de mudanças no sistema de governo, seja no início da República ou na ditadura a partir de 1926.

Enquanto os trabalhadores desembarcaram a procura de oportunidades e fugidos das dificuldades econômicas e sociais, os pensadores lusitanos chegaram ao país para um período de exílio, seja de forma voluntária ou expulsos por líderes do governo. Ao chegarem à “nova pátria”, estes indivíduos iniciavam um processo para o reconhecimento da sua “situação moral e intelectual”, além de garantir os proventos materiais para manter a sua família. Durante a primeira metade do século XX, o intercâmbio cultural entre brasileiros e portugueses se fortaleceu, principalmente, a partir dos círculos de intelectuais e dos seus espaços de sociabilidade<sup>27</sup>.

Em relação ao grupo de intelectuais, distinguimos dois momentos da imigração. O primeiro instante, logo após a implementação da República, pensadores que não apoiaram as novas ideias políticas e não conseguiram se inserir na estrutura do Estado, buscaram o refúgio no Brasil. O segundo momento foi após a instauração da ditadura, a qual tinha Antônio de Oliveira Salazar como Ministro das Finanças. Com o novo sistema de governo, democratas, acadêmicos e intelectuais de esquerda emigraram fugindo das perseguições políticas estabelecidas no país.

Nas análises de Douglas Mansur, as cidades de São Paulo, Rio de Janeiro e Recife foram os principais locais onde se estabeleceram os intelectuais do segundo

25 José Sacchetta Ramos Mendes – O apogeu da imigração portuguesa para a América do Sul (1904-1914): diversidade socioeconômica e dilemas comparativos com Itália e Espanha. In *Culturas Cruzadas em Português...*, vol. I, p. 151.

26 Maria Izilda Santos de Matos – A imigração portuguesa para São Paulo: trajetória e perspectivas. In *Portugueses no Brasil: migrantes em dois atos*. Org. de Ismênia de Lima Martins; Fernando Sousa. Niterói: Muiraquitã, 2006, p. 133-134.

27 Jorge Luís dos Santos Alves – Carlos Malheiros Dias e os círculos intelectuais luso-brasileiros. In *Culturas Cruzadas em Português...*, vol. I, p. 271, 275-276.



momento da imigração. Nestas capitais, os pensadores organizaram as suas redes de sociabilidade, com atividades em centros de pesquisas, universidades e na imprensa. Mesmo com os trabalhos desenvolvidos no Brasil, os exilados continuavam combatendo a política autoritária implementada em Portugal para que pudessem reativar as suas atividades na ocasião da derrubada da ditadura<sup>28</sup>.

As redes de contatos formadas entre pensadores portugueses e brasileiros foram fundamentais para viabilizar a permanência dos lusitanos no período do exílio. Com os diálogos entre os intelectuais dos dois países, foram estabelecidos espaços de trabalho para os lusitanos no Brasil. A colaboração foi importante para o fortalecimento da vida associativa em cafés, livrarias e instituições pensadas pela elite<sup>29</sup>.

As atividades desenvolvidas nos espaços de sociabilidade diminuía “os traumas” causados pela expatriação. Edward Said demonstrou as dificuldades que os homens das letras enfrentavam ao ser expatriados, uma vez que o momento se tornava um instante de dois exílios, o político / cultural e o profissional, pois os letrados também se distanciavam das suas redes de produção. Para o autor, aquele que é saído / expulso da sua nação “existe num estado intermédio, nem completamente integrado no novo lugar, nem totalmente liberto do antigo”<sup>30</sup>.

Durante o período em que permanece fora do seu espaço de origem, o intelectual é alguém que fica em um estado de proscricção, não se sente em casa, em um conflito com os que o rodeiam<sup>31</sup>. Os pensadores buscavam se integrar à cultura local, para que assim pudessem iniciar uma nova rede de contatos, com a continuidade das atividades que eram desenvolvidas no país ibérico.

Em colaboração com os espaços associativos, os intelectuais integraram edições de jornais e contribuíram com a organização de novos periódicos que abordassem temáticas sobre os dois países. Os principais meios de comunicação responsáveis pela divulgação da cultura luso-brasileira na primeira metade do século XX foram os periódicos *Brasil-Portugal*<sup>32</sup>, *Ilustração Portuguesa*, *A Águia*, *Orpheu*, *Nação Portuguesa*, *Atlantica*<sup>33</sup>, dentre outros títulos<sup>34</sup>.

28 Douglas Mansur Silva – *Intelectuais Portugueses Exilados no Brasil: formação e transferência cultural, século XX*. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Programa de Pós-graduação em Antropologia Social / Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007, p. 85-112.

29 Douglas Mansur Silva – *Intelectuais Portugueses...*, p. 134.

30 Edward Said – *Representações do Intelectual: as palestras de Reith de 1993*. Lisboa: Edições Colibri, 2000, p. 52.

31 Edward Said – *Representações do Intelectual...*, p. 51.

32 Thierry Dias Coelho – O Silêncio dos conspiradores – *Revista Brasil-Portugal* (1899-1914). In *Culturas Cruzadas em Português...*, vol. II, p. 77-107.

33 Zília Osório de Castro – Do carisma do Atlântico ao sonho da Atlântida. In *Afinidades Atlânticas: impasses, quimeras e confluências nas relações Luso-brasileiras*. Org. de Lucia Maria Paschoal Guimarães [et. al.]. Rio de Janeiro: Quartet, 2009, p. 57-87.

34 Annie Gisele Fernandes – Do Portugal no Brasil ao Brasil em Portugal: reflexões acerca do convívio intelectual na (e para a) afirmação da modernidade. *Convergência Lusíada*. 29 (jan.-jun. 2013), p. 118.

Em meio ao conjunto de imigrantes que chegaram ao Brasil, também estavam os membros da Igreja Católica que foram exilados de Portugal devido à cultura laicista implementada após a instauração da República. Além dos motivos já apresentados para a vinda dos portugueses, os religiosos também levaram em consideração os projetos eclesiásticos executados no país.

As representações formadas do clero, o trabalho em torno do movimento da Restauração Católica e as aparentes afinidades entre o poder político e o religioso foram determinantes para que alguns membros da hierarquia católica portuguesa se destinassem ao Brasil. Ao se fixarem nas diversas cidades, deram continuidade às atividades que já desenvolviam em suas dioceses, colaborando com a formação de novas práticas religiosas.

Após a publicação do decreto que suspendeu as atividades das ordens religiosas e expulsou os eclesiásticos de Portugal, em 08 de dezembro de 1910, os membros da Companhia de Jesus foram os que tiveram maiores atritos com os integrantes do governo republicado. Posterior a um intenso trabalho pastoral em terras lusitanas, os jesuítas conseguiram desenvolver instituições com um histórico respeitável. Durante o período de atuação, destacaram-se nas atividades em torno dos Colégios de Campolide e São Fiel, além das missões em Macau, no Timor e na Zambésia. Ao se destinarem ao Brasil, precisaram abandonar uma estrutura construída em mais de 50 anos de trabalho.

Em 1910, a Província Portuguesa dos Jesuítas contava com 359 membros, entre eles 147 padres, 100 escolásticos e 112 irmãos, destes 69 estavam em missão. Com uma cultura missionária voltada para as regiões de influências portuguesas, o exílio dos membros da Companhia de Jesus também foi considerado um momento de atividade apostólica<sup>35</sup>.

Ao embarcarem com destino ao Brasil, os religiosos compartilhavam de um sentimento de dúvida e receio em relação à recepção dos eclesiásticos e principalmente dos governantes. Mesmo com o processo de liberdade religiosa, o país ainda estava no imaginário dos jesuítas como um lugar de onde tinham sido expulsos, principalmente com os fatos recorrentes em Portugal.

O desembarque nos principais portos foi marcado pela apreensão devido à falta de autorização de alguns governantes, principalmente a do presidente da República Nilo Peçanha (1909-1910). Ainda que possuíssem as orientações e recomendações do Papa Pio X para que os clérigos se destinassem ao Brasil, os imigrantes encontraram resistência de setores políticos e de parte da população.

Mesmo com diversos movimentos dos opositores, sobretudo positivistas, republicanos e maçons, os religiosos foram autorizados a desembarcar após a inter-

---

35 Ferdinand Azevedo – *A Missão Portuguesa da Companhia de Jesus no Nordeste 1911-1936*. Recife: FASA, 1986, p. 07.

venção direta dos membros da Câmara dos Deputados e de alguns integrantes da polícia que foram solidários à causa dos jesuítas. No entanto, um grupo de religiosos mais receosos seguiu viagem para Buenos Aires, a fim de evitar novos problemas com o poder civil<sup>36</sup>.

As primeiras instalações que receberam os jesuítas foram os Colégios de Nova Friburgo (Rio de Janeiro) e Itú (São Paulo), coordenados pela província romana da Companhia de Jesus<sup>37</sup>. No lugar, os portugueses iniciaram as suas atividades pastorais e os contatos para se fixarem nas diversas dioceses do país.

Com a chegada dos lusitanos, alguns bispos aproveitaram a ocasião para formar o seu clero, já que faltavam padres com especialização em estudos filosóficos e teológicos. Nos primeiros anos da década de 1910, o padre geral da Companhia de Jesus, Franz Xavier Wernz (1842-1914), recebeu vários pedidos para que enviasse religiosos para trabalhar nas dioceses do Brasil.

A primeira ação desempenhada pelos exilados da Companhia de Jesus foi a fundação do Colégio Antônio Vieira, em março de 1911. A instituição fazia parte dos projetos educacionais do bispo Dom Jerônimo Tomé da Costa (1849-1924), que ofereceu residência aos religiosos em Santo Antônio da Barra. O estabelecimento de ensino foi o ponto de partida para outros empreendimentos dos jesuítas no Nordeste brasileiro. Ainda na Bahia, as atividades dos religiosos se estenderam para Caetité, tornando-se uma das principais ligações para as missões que se destinavam ao Sertão<sup>38</sup>.

Os membros da Companhia de Jesus fundaram instituições em São Leopoldo, São Paulo, São Luís, Belém, Fortaleza, Aracati, Salvador, Caetité, Recife, Baturité, dentre outras cidades. Entre os projetos aqui destacados, enfatizamos as ações desenvolvidas na cidade do Recife, lugar onde se estabeleceu a primeira igreja dedicada a Nossa Senhora de Fátima fora de Portugal, uma das principais marcas religiosas dos lusitanos no país durante o século XX.

As atividades desempenhadas pelos três grupos aqui destacados contribuíram para o desenvolvimento de uma missão cultural entre os portugueses no Brasil. A partir de atividade planejada e / ou espontâneas, os lusitanos colaboraram com a formação das representações sobre o Brasil, sobretudo, de um país que mantinha as

36 L. Gonzaga Azevedo – *Proscritos: notícias circunstanciadas do que passaram os religiosos da Companhia de Jesus na revolução de Portugal de 1910*. Bruxellas: Tipografia E. DAEM, 1914. Segunda parte, p. 234-235, 240-241, 247.

37 L. Gonzaga Azevedo – *Proscritos: notícias circunstanciadas...*, p. 249.

38 Paulo Assunção – O Brasil nas páginas da *Broetéria*. In *Fé, Ciência, Cultura: Broetéria – 100 anos*. Coord. de Hermínio Rico; José Eduardo Franco. Lisboa: Gradiva, 2003, p. 458. Joseph H. Foulquier – *Jesuítas no Norte: segunda entrada da Companhia de Jesus (1911-1940)*. Salvador: Vice-Província da Companhia de Jesus no Brasil Setentrional, 1940.

afinidades entre o político e o religioso, mesmo após a implementação da República em 15 de novembro de 1889 e a organização da legislação laica<sup>39</sup>.

A missão cultural desenvolvida pelos lusitanos, não apenas entre os religiosos, foi fundamental para os diálogos dentre os grupos eclesiais dos dois países. Tal afirmativa se fortalece com a rede de colaboração traçada por Dom Manuel Gonçalves Cerejeira e Dom Sebastião Leme, Patriarca de Lisboa e Bispo do Rio de Janeiro respectivamente.

### **A visita de Dom Manuel Gonçalves Cerejeira ao Rio de Janeiro em 1934 e a formação de uma rede de colaboração para o projeto de recatolição**

A carta pastoral comemorativa ao centenário da independência do Brasil enfatizou a influência dos portugueses na formação religiosa do país<sup>40</sup>, assim como demonstrou as conquistas do clero após o 15 de novembro de 1889. No documento, destacou-se que o regime republicano assegurava à Igreja Católica a “[...] liberdade que lhe facilitam a dilatação do reinado de Jesus Christo, [...] os Poderes Publicos tem procurado applicar a Constituição de modo não infenso ao Catholicismo, que é entre nós a Religião nacional [...]”<sup>41</sup>.

A publicação do texto foi marcante para o clero dos dois países, principalmente no momento em que se debatia sobre a formação de uma cultura lusófona e que Portugal tentava resgatar o seu prestígio junto a outros países. Neste sentido, o Brasil recebia destaque devido à sua organização política, social, econômica e cultural, em relação a outras ex-colônias portuguesas.

Em discurso sobre a preparação das comemorações do duplo centenário em Portugal<sup>42</sup>, Oliveira Salazar demonstrou a importância do Brasil para a construção da nacionalidade Portuguesa na primeira metade do século XX, assim como a formação de uma comunidade lusófona, que reconhecesse as tradições lusitanas. Para o líder político:

39 Carlos André Silva de Moura – *Histórias cruzadas: debates intelectuais no Brasil e em Portugal durante o movimento de Restauração Católica (1910 - 1942)*. Tese (Doutorado em História) Instituto Filosofia e Ciências Humanas / Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2015.

40 Artur Cesar Isaia – A hierarquia Católica brasileira e o passado português. In *Portugal-Brasil no Século XX: Sociedade Cultura e Ideologia*. Org. de Christiane Marques Szesz; Maria Manuela Tavares Ribeiro; Sandra Maria Lubisco Brancato; Renato Lopes Leite; Artur Cesar Isaia. Bauru: EDUSC, 2003, p. 234-235.

41 Dom Joaquim Arcoverde de Albuquerque Cavalcanti – *Carta Pastoral do Episcopado Brasileiro ao Clero e aos Fieis de suas Dioceses por Ocasião do Centenario da Independencia 1922*. Rio de Janeiro: Pap. e Typ. Marques, Araujo & C., 1922, p. 42.

42 Em 1940 os portugueses comemoravam a Fundação do Estado Português (1140) e a Restauração da Independência (1640). O evento foi denominado de duplo centenário e contou com a colaboração de membros de várias instituições e representantes de países que em algum momento da história contribuíram com a formação da nacionalidade lusitana. O Brasil foi um dos destaques nas comemorações, com um pavilhão de arte onde foi possível demonstrar a sua cultura e tradições.

“A atitude constante de Portugal para com o Brasil, desde o dia da nossa bifurcação no vasto mundo, é a de terna e carinhosa solidariedade. Orgulhamo-nos tão naturalmente de quanto empreenderam os nossos antepassados, como do que fizeram e têm de fazer os nossos descendentes. A nossa língua é a sua língua e, enquanto Portugal continental é estreita nesga de terra na Europa onde nunca poderão caber senão escasos milhões de almas, o Brasil é quasi um continente, um mundo novo, e dele jorrarão pelos séculos adiante torrentes de humanidade em cujas mãos estará bem entregue o tesouro das tradições de que hão-se ser herdeiros, em sagrada partilha connosco. [...] Queremos que o encontro dos nossos povos seja então efectivo e intenso como nunca o foi; e que o mundo seja testemunha do que é o Brasil na História portuguesa – uma das suas páginas mais belas e a sua mais extraordinária realização, e do que é Portugal para o Brasil – a fonte inicial da sua vida, a Pátria da própria Pátria.”<sup>43</sup>

Os discursos que apoiavam a formação de uma cultura católica luso-brasileira se fortaleceram durante o Estado Novo salazarista (1933-1968), que era tido pela hierarquia católica brasileira como exemplo de sistema de governo que possibilitou o retorno do país às tradições religiosas. Muito desta admiração se baseava na parceria entre Oliveira Salazar e o cardeal Dom Manuel Gonçalves Cerejeira. A proximidade dos representantes dos poderes político e religioso colaborou com a construção do mito que enxergava Oliveira Salazar como um herói nacional<sup>44</sup>. Neste instante, observamos um exemplo em que os discursos governamentais eram legitimados pelas propostas religiosas na primeira metade do século XX<sup>45</sup>.

Esta admiração pela condução política desenvolvida por Oliveira Salazar foi confirmada durante as visitas do Patriarca Dom Manuel Cerejeira ao Brasil. Em sua primeira passagem pelo país em 1934<sup>46</sup>, por ocasião do 32º Congresso Eucarístico realizado em Buenos Aires<sup>47</sup>, o religioso teve uma recepção de destaque. Além do lusitano, estiveram no Rio de Janeiro os cardeais Dom Augusto Hlond (1881-1948) da Polônia, Dom Verdier, da França e Dom Eugenio Pacelli (1876-1958), que em 02 de março de 1939 foi eleito como Papa Pio XII<sup>48</sup>.

Mesmo com um conjunto de religiosos importantes para a cristandade e os projetos da Cúria romana, foi o Cardeal Dom Manuel Cerejeira que contou com uma recepção de destaque, comparando-se a de um chefe de Estado ou herói nacio-

43 Oliveira Salazar – *Discursos e Notas Políticas III: 1938-1943*. Coimbra: Coimbra Editora, L.da, 1943, p. 45-46.

44 Artur Cesar Isaia – *A hierarquia Católica brasileira...*, p. 248.

45 Michel De Certeau – *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002, p. 335.

46 O Cardeal Patriarca Dom Manuel Gonçalves Cerejeira visitou o Brasil em quatro ocasiões (1934, 1946, 1960 e 1967).

47 O evento aconteceu entre os dias 10 e 14 de outubro de 1934, com o tema *La regalità sociale di Cristo per mezzo dell'Eucaristia*.

48 Cardeal Hlond Primaz da Polônia. *Revista da Semana*. Rio de Janeiro, p. 51, 06 out. 1934.; O Cardeal Pacelli no Rio de Janeiro. *Revista da Semana*. Rio de Janeiro, p. 21, 06 out. 1934.; O Cardeal Cerejeira na Guanabara. *Revista da Semana*. Rio de Janeiro, p. 20, 06 out. 1934.; O Cardeal Verdier Arcebispo de Paris. *Revista da Semana*. Rio de Janeiro, p. 34, 27 out. 1934.

nal<sup>49</sup>. A sua visita não se resumiu a encontros com outros religiosos, mas também foi um momento em que ofereceu atenção à comunidade portuguesa no Brasil, manteve diálogos com alguns intelectuais que compartilhavam as ideias da Igreja Católica e cumpriu audiência com o presidente Getúlio Vargas<sup>50</sup>.

Na imagem abaixo é possível perceber a atenção dedicada à visita de Dom Manuel Cerejeira à capital federal. Em evento realizado na sede do governo brasileiro, o religioso foi recebido pelo Presidente da República e seus principais colaboradores. O ato demonstrou a importância da sua passagem pelo país, representada por suas ações políticas em Portugal, cumprindo as honras que eram oferecidas a um chefe de Estado.

Entendemos a recepção oficial do bispo lusitano por Getúlio Vargas e os seus principais assessores como um ato político, que reafirmava as intenções do governante para a manutenção das relações internacionais entre o Brasil e Portugal, mas também reconhecia e apoiava o trabalho do clero brasileiro, que era liderado por Dom Sebastião Leme (1882-1942) e admirado pelo Patriarca de Lisboa. Os diálogos travados pelo presidente e Dom Manuel Gonçalves Cerejeira serviram para a inscrição de mais um militante contra a expansão do comunismo no país, inimigo comum das esferas religiosa e política, mesmo em ambiente internacional.

A imagem da recepção do Patriarca de Lisboa pelo presidente da República Brasileira foi utilizada por vários veículos de comunicação, sobretudo, os periódicos católicos que buscavam reafirmar a atuação do clero junto ao poder político. Neste sentido, pode-se compreender que o encontro contribuiu com o fortalecimento



Visita de Dom Manuel Gonçalves Cerejeira ao Brasil em 1934.

Fonte: Arquivo Diocesano da Cúria Metropolitana do Rio de Janeiro. Fundo: Dom Sebastião Leme

das propostas da ordem a partir de uma moral católica, propostas defendidas pelos projetos eclesiais tanto no Brasil como em Portugal.

Ao analisar os discursos proferidos durante as homenagens prestadas ao cardeal lusitano, percebemos que as palavras elogiosas também se estendiam a Oliveira Salazar. Para os membros da hierarquia católica brasileira, os tributos feitos ao patriarca era uma forma de reconhecer o trabalho do governo salazarista contra o anticlericalismo, a maçonaria e o pensamento de esquerda. As propostas

49 Artur Cesar Isaia – A hierarquia Católica brasileira..., p. 247-248.

50 Luís Salgado de Matos – Cardeal Cerejeira: universitário, militante, místico. *Análise Social*. 160, (2001), p. 816.



de governo do Estado Novo, baseada em Deus, pátria, autoridade e família eram reconhecidas nas ideias que aproximavam os eclesiásticos e o governo brasileiro<sup>51</sup>.

As palavras de Affonso Celso (1860-1938), presidente do Instituto Histórico e Geographico Brasileiro (IHGB), demonstraram a percepção dos intelectuais brasileiros para as afinidades entre o político e o religioso em Portugal. Para o letrado:

“No exercício do seu ministério espiritual, Sua Eminência tem prestantemente colaborado com o seu condiscípulo, um dos maiores estadistas do século, Oliveira Salazar, na grandiosa reconstrução da pequena *casa lusitana, ditosa pátria que tais filhos teve. Ambos, por obras valorosas, se vão da lei da morte libertando* [...]”<sup>52</sup>

O discurso do presidente do IHGB continuou com destaques à importância de Portugal para a formação histórica e religiosa do Brasil. A partir da sua fala, observou-se o compromisso do eclesiástico lusitano com a formação de uma cultura luso-brasileira, que se fortalecia com a sua visita ao país.

A passagem do Cardeal Cerejeira pelo Brasil também foi utilizada para um debate próximo com os intelectuais. Durante o período, foi recebido em instituições como o Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro e a Academia Brasileira de Letras, lugares onde foi homenageado por seu trabalho de valorização às ações dos homens das letras. Para este grupo, o eclesiástico era como “[...] a aliança mais perfeita da intelectualidade e da cultura científica com a santidade [...]”<sup>53</sup>.

O momento também serviu para alinhar os projetos relacionados ao movimento da Restauração Católica nos dois países. Durante a visita, Dom Manuel Cerejeira manteve contato com os jesuítas exilados no Brasil, presenciando a missão cultural desenvolvida em diversas cidades. Entre as instituições que o receberam, destacou-se a visita a um altar dedicado a Nossa Senhora de Fátima no Rio de Janeiro, principal símbolo da recristianização em Portugal<sup>54</sup>.

Como um dos principais responsáveis pela condução dos eventos em torno das aparições marianas como instrumento da recatolização lusitana, o bispo atuou no Brasil como mensageiro dos projetos relacionados ao culto de Fátima. As atividades do religioso reafirmaram os trabalhos desenvolvidos pelos eclesiás-

51 Maria das Graças Andrade Ataíde de Almeida – A República Cristã: fé, ordem e progresso. In *Progresso e Religião: a República no Brasil e em Portugal (1889-1910)*. Coord. de Amadeu Carvalho Homem; Armando Malheiro da Silva; Artur César Isaia. Coimbra: EDUFU, 2007, p. 271-284.

52 Affonso Celso – Sessão Especial (1.602ª Sessão), em 30 de outubro de 1934. *Revista do Instituto Histórico e Geographico Brasileiro*. 169 (1934), p. 450-451.

53 Arquivo Histórico do Patriarcado de Lisboa. Pe. Luiz Gonzaga Mariz, S.J. *Ao Cardeal Patriarca de Lisboa. Homenagem da Colonia Portuguesa da Bahia*. Bahia, 06 nov. 1934, p. 06. Doc. PT/AHPL/PAT14-SP/V-01-01/02/030.

54 Na imagem, percebemos que a catalogação foi feita com a datação de 31 de outubro de 1934 e como Igreja de Nossa Senhora de Fátima. No entanto, o primeiro templo dedicado à Fátima no Brasil foi inaugurado na cidade do Recife em 08 de dezembro de 1935. Acreditamos que a visita foi feita a algum templo que tenha dedicado um altar ao principal símbolo católico português.





Visita de Dom Manuel Cerejeira em altar da Igreja dedicado a Nossa Senhora de Fátima.

Fonte: Arquivo Histórico do Patriarcado de Lisboa. Livro de Imagens do Cardeal Manuel Gonçalves Cerejeira. Doc. PT/AHPL/PAT Z/01/051

ticos portugueses no país, sobretudo, os membros da Companhia de Jesus, com contribuições fundamentais para o intercâmbio cultural entre os intelectuais católicos<sup>55</sup>.

Na imagem é possível perceber o compartilhamento do momento de devoção do bispo lusitano com católicos brasileiros. Em 1934 o culto a Fátima já se apresentava como uma das principais práticas dos fieis no país, sobretudo, em região como Recife, Fortaleza e Rio de Janeiro, cidades com forte atuação da missão cultural dos

eclesiásticos portugueses que se deslocaram para estas localidades após a implementação da república.

Em discurso sobre o Brasil, o Cardeal Manuel Cerejeira destacou as contribuições dos portugueses para a formação social, religiosa e política da nação. O eclesiástico seguiu o pensamento de outros lusitanos do início do século XX, que enxergavam o país como o exemplo para a reafirmação cultural de Portugal<sup>56</sup>. Para o líder católico, o trabalho do clero brasileiro era a “[...] consolação da Igreja universal e será amanhã a maior igreja da terra”<sup>57</sup>.

Segundo o patriarca lusitano, Portugal foi a referência para formação religiosa do Brasil. Nas palavras de Dom Manuel Gonçalves Cerejeira:

“[...] o Portugal cristão que fez o Brasil. [...] O Brasil tomou nas próprias mãos os seus gloriosos destinos. Deante dele, abre-se a estrada imperial dum futuro de horizontes imensos – que vai percorrendo a correr... Portugal não pode deixar de beijar na fronte, com amor e orgulho, esse filho gigante, que, sob a luz de oiro do Cruzeiro, prolonga e dilata o seu sangue, a sua língua, a sua fé. Portugueses que não amasse o Brasil negar-se-ia a si mesmo. Seria como pai que engeitasse os filhos. [...] O Brasil é a obra e a gloria de Portugal. [...] Que dizer do trabalho português no Brasil? No passado foi com a catequese jesuítica uma epopéia: dela saiu o Brasil. Se é verdade que o trabalho

55 Carlos André Silva de Moura – Os intelectuais católicos e a formação do culto a Nossa Senhora de Fátima em Portugal e no Brasil (1917-1935). In *Ciências sociais cruzadas entre Portugal e o Brasil: trajectos e investigações no ICS*. Org. de Isabel Corrêa Silva; Simone Frangella; Sofia Aboim; Susana de Matos Viegas. Lisboa: ICS / Imprensa de Ciências Sociais, 2015.

56 Carmem G. Burgert Schiavon – *Estado Novo e Relações Luso-brasileiras (1937-1945)*. Tese (Doutorado em História) Instituto de Filosofia e Ciências Humanas / Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

57 D. Manoel Gonçalves Cerejeira – *Obras Pastorais. Primeiro Volume (1928-1935)*. Lisboa: União Gráfica, 1936, p. 138.

cristão obriga a terra a louvar o Senhor: o trabalho português tem sido uma obra de redenção para as terras de Vera Cruz. [...]”<sup>58</sup>

Do mesmo modo que a hierarquia católica no Brasil tinha a política salazarista como exemplo de organização nacional e de preservação dos valores tradicionais, os membros do clero lusitano observaram no trabalho dos eclesiásticos brasileiros as formas para a boa condução religiosa em uma nação laica. No entanto, conforme se pode observar nas palavras de Dom Manuel Gonçalves Cerejeira, o sucesso de alguns projetos ou da missão lusitana no país era em decorrência da tradição cultural e religiosa que os portugueses destinaram aos brasileiros.

O projeto da Restauração Católica desenvolvido no Brasil e em Portugal se fortaleceu com os diálogos entre Dom Sebastião Leme e Dom Manuel Gonçalves Cerejeira. Os trabalhos dos dois intelectuais reforçaram a estruturação de uma neocristandade militante, com atividades fundamentais para a recatolização da sociedade e das instituições.

O incentivo de Dom Sebastião Leme para a participação dos intelectuais nos projetos da Igreja Católica, a colaboração com a política varguista, no que diz respeito ao combate às doutrinas contrárias aos ensinamentos eclesiásticos, e a proposição de um debate civil para as questões do poder clerical foram fundamentais para a reestruturação do movimento católico no início do século XX. Já em Portugal, a reação dos bispos após a publicação da lei de separação entre o Estado e a Igreja, o trabalho do clero durante o governo de Sidónio Pais (28 de abril – 17 de dezembro de 1918) e as publicações dos protestos eclesiásticos foram importantes para o combate ao laicismo republicano.

No entanto, foi durante o patriarcado de Dom Manuel Cerejeira que se estruturou uma reaproximação consistente entre o poder civil e o eclesiástico. O uso das mensagens atribuídas a Nossa Senhora de Fátima, a aproximação com o projeto político de Oliveira Salazar e o início dos diálogos para a elaboração de uma concordata entre o governo português e o Vaticano são alguns exemplos das ações que colaboraram para a recatolização em Portugal.

Durante as homenagens a Dom Manuel Gonçalves Cerejeira no Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro, que contou com a presença de Dom Sebastião Leme, Hamilton Nogueira (1879-1981) demonstrou a importância dos dois intelectuais para os projetos internacionais da Cúria romana. Nas palavras do presidente da Ação Universitária Católica:

58 D. Manuel Gonçalves Cerejeira – *Mensagem do Snr. Cardinal Patriarca de Lisboa Dom Manuel Gonçalves Cerejeira aos Portugueses do Brasil*. Lisboa, dez. 1934.

“[...] no actual momento histórico, Portugal e o Brasil reconquistaram a posição a quem teem direito no seio da civilização cristã, é porque a Providencia lhes concedeu a graça inestimável de terem como chefes da sua Igreja um Cardial Cerejeira e um Cardial Sebastião Leme, que realizaram brilhantemente nas das nações amigas o vitorioso movimento da acção católica. Permiti, Eminencia, que vos fale agora, não mais o brasileiro, mas um simples soldado da Igreja, sócio do Centro D. Vital. Ele vem em nome dos seus companheiros manifestar a Vossa Eminencia toda a sua gratidão para com a voz carinhosa e amiga que, de longe, os animou no seu trabalho, de recristianização da intelligencia brasileira. E essa voz repercutiu nos nossos corações com aquêlo comovido entusiasmo que só os verdadeiros chefes podem comunicar.”<sup>59</sup>

Para os intelectuais católicos dos dois países, as atividades conjuntas do cardeal Dom Manuel Cerejeira e de Dom Sebastião Leme foram fundamentais para o pensamento, a organização e a execução de um projeto militante de recatolização da sociedade. Com a contribuição dos dois líderes, o clero saiu de um posicionamento passivo para uma militância ativa, pensada em redes de colaboração com os intelectuais, as instituições e os religiosos, inclusive de outros países, como foi percebido no intercâmbio entre brasileiros, portugueses, espanhóis, italianos e franceses.

O trabalho dos bispos foi importante para efetivar um projeto de movimento internacional pensado pela Cúria romana. Com as propostas de Dom Manuel Cerejeira, em Portugal, e Dom Sebastião Leme, no Brasil, verifica-se que as suas atividades serviram de exemplo para outros líderes católicos que combatiam o anticlericalismo ou trabalhavam para uma maior participação política dos membros da Igreja Católica.

Dom Manuel Cerejeira evidenciou, em suas palavras, como a recatolização em Portugal recebeu a influência dos trabalhos conduzidos pelos intelectuais Católicos no Brasil. Dom Sebastião Leme, por sua vez, era referência nas ações que promoveram a parceria dos homens das letras com os projetos da Cúria romana, na organização de instituições voltadas para a recristianização, a exemplo da revista *A Ordem* e do Centro Dom Vital, além dos diálogos promovidos com o poder civil em um Estado laico.

Para o Patriarca de Lisboa, o trabalho estruturado por Dom Sebastião Leme a frente do clero elevou a consciência em torno da recristianização. Nas palavras de Dom Manuel Cerejeira, o bispo brasileiro:

“[...] póde se considerar como o pai espiritual de uma gloriosa pleiade de gente boa que traz para a Igreja Católica – eu não me atrevo a dizer para a Igreja do Brasil, que já é, neste momento, glorio da Igreja Universal – [...] uma alvorada de grandes esperanças,

59 Federação das Associações Portuguesas do Brasil – *O Cardial Cerejeira no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Alba Limitada, 1935, p. 67-68.

porque se alguma coisa há que possa magoar o coração de um cristão do século XX, consciente daquela tragédia intelectual [...] não se pode deixar, num sublime evocação cristã, de inclinar diante desses moços generosos que trazem ao mundo moderno a voz mais actual – a voz eterna, a voz da Igreja, a voz de Cristo, a voz de Deus! Houve tempo em que o catolicismo era, perante a consciência dos que o professavam, como que uma inferioridade. Esses não são do espírito de Cristo, não são os continuadores daqueles que ouviram a palavra flamejante de São Paulo e que se puzeram a cantar pelo mundo a alegria da vida nova [...].”<sup>60</sup>

O discurso do patriarca de Lisboa reafirmou a importância do intercâmbio dos intelectuais brasileiros nos projetos de recatolização organizado pelo clero lusitano desde 1910. A primeira visita do bispo ao Brasil foi importante para se traçar estratégias concretas entre os religiosos e fortalecer as trocas culturais entre os membros da Cúria romana dos dois países. As palavras direcionadas ao cardeal brasileiro reconheciam a importância do projeto da recatolização desenvolvido no país para outras nações que militavam por uma nova ordem política e religiosa.

A passagem do Patriarca de Lisboa pelo Brasil foi tão importante quanto a sua participação no 32º Congresso Eucarístico em Buenos Aires. Na carta de avaliação do evento, o religioso dedicou um espaço para expressar as suas impressões durante a visita ao país. No documento, enfatizou-se que, para o combate ao laicismo na Europa, os membros da Igreja Católica deveriam se orientar pelas ações efetivadas no Brasil, que “[...] tem dado ao mundo exemplos de que sabe sobrepor ao direito da força a força do direito – resolvendo por pacífica arbitragem agudas, questões, que a barbaria internacional costuma regular á ponta da espada”<sup>61</sup>.

## Considerações finais

Os debates promovidos durante a primeira visita de Dom Manuel Gonçalves Cerejeira ao Brasil foram fundamentais para organizar as discussões em torno da elaboração da concordata entre o governo português e o Vaticano. A experiência da atuação do clero brasileiro em um Estado laico inspirou o cardeal nas discussões que foram travadas na segunda metade da década de 1930 para a elaboração do documento junto aos representantes políticos de Portugal.

Durante o período em que passou no Brasil, o cardeal lusitano tomou conhecimento dos debates sobre a constituição de 1934 e a manutenção das práticas religiosas mesmo em uma nação laica. Os diálogos entre os eclesiásticos, os políticos

60 Federação das Associações Portuguesas do Brasil – *O Cardial Cerejeira no Brasil...*

61 Arquivo Histórico do Patriarcado de Lisboa. *Carta de Avaliação do XXXIIº Congresso Eucarístico pelo Cardeal Manuel Cerejeira*. Lisboa, s/d. PT/AHPL/PAT14-SP/V-01-01/02/026.

e a sociedade civil foram importantes para conduzir as discussões sobre os temas fundamentais da questão clerical em Portugal.

As discussões desenvolvidas entre os bispos português e brasileiro foram incentivadas a partir das trocas culturais no mundo luso-brasileiro, sobretudo, durante a primeira metade do século XX. O projeto internacional de Restauração Católica, as propostas de organização de um clero militante, tanto em Portugal como no Brasil, foram alguns pontos que contribuíram para a aproximação entre os dois eclesiásticos. De tal modo, pode-se concluir que as atividades desempenhadas entre portugueses e brasileiros, com objetivos de reafirmação religiosa, fortaleceram-se a partir de uma rede de colaboração dos intelectuais inseridos na hierarquia da Igreja Católica, que teve início com a missão cultural dos exilados lusitanos no país.

A atuação dos vários religiosos que desembarcaram no Brasil, após a instalação de um sistema político que teve como base leis laicistas, foi fundamental para a organização de projetos pedagógicos, a formação de novas devoções, a colaboração para a constituição de uma neocristandade, dentre outros aspectos que podem ser classificados como uma missão cultural em um novo espaço de trabalho eclesiástico. As ações dos portugueses foram importantes para fortalecer os projetos do clero, mas, sobretudo, para reafirmar o carácter internacional da recatolização no início do século XX.